

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 ON-LINE

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

O DISCURSO DE RESISTÊNCIA NA CARTILHA VIVER É LUTAR DO MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE (MEB)

Francisco Tenório da Silva (UFAL)
(francisco.tenorio@cedu.ufal.br)

Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante (UFAL)
(mdosaoc@gmail.com)

RESUMO:

O Movimento de Educação de Base (MEB) fomentou a educação de base no início da década de 1960, nas regiões norte, nordeste e centro-oeste do país, quando foram utilizadas escolas radiofônicas para alfabetizar os adultos. O presente trabalho resulta de investigações desenvolvidas no grupo de estudos Políticas Públicas: história e discurso, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAL, e tem como objetivo analisar os discursos de resistência na cartilha Viver é Lutar. O universo discursivo analisado abarca as cartilhas de leitura Viver é Lutar utilizadas em todo território nacional, por meio da transmissão de seus conteúdos pelas escolas radiofônicas. As condições de produção amplas revelam um país marcado pela efervescência política e social, pela polarização dos grupos de esquerda e de direita interpelados pela ideologia nacional-desenvolventista. No cenário educacional, o analfabetismo era a causa do "atraso" econômico que impedia o progresso da nação e a política de governo era aumentar o número de eleitores. O aporte teórico-metodológico desta pesquisa é a Análise do Discurso fundada por Michel Pêcheux e ancorada no materialismo histórico-dialético. Acionaremos, na análise do objeto, as categorias da AD: Condições de Produção do Discurso e a Formação Discursiva. Os teóricos da AD com quem dialogamos para a fundamentação desta pesquisa foram: Cavalcante (2007), Courtine (2009), Florêncio (2007), Orlandi (2015), Pêcheux (2014) entre outros. A partir da análise, observa-se que a cartilha Viver é Lutar materializa o discurso ideológico de resistência produzindo uma educação conscientizadora e politizadora dos sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento de Educação de Base. Discurso. História. Resistência. Cartilha.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo traz um recorte da dissertação *O Discurso de Resistência nos Materiais Didáticos do Movimento de Educação de Base (MEB)*. Esta pesquisa ocupa-se da análise do discurso de resistência do Movimento de Educação de Base materializado na cartilha **Viver é Lutar** (1963), tendo como base teórico-metodológica os pressupostos da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, ancorada no materialismo histórico-dialético.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

Para compreendermos o contexto histórico e social da época, evidenciamos que o Movimento de Educação de Base (MEB) foi um movimento educativo de âmbito nacional que promoveu a educação aos sujeitos do campo das regiões norte, nordeste e centro-oeste do país.

A origem do MEB aconteceu por meio de uma parceria entre a Igreja Católica e o presidente Jânio Quadro. Ambos assinaram o Decreto Federal 50.370, de 21 de março de 1961, fomentando a educação de base para os sujeitos da zona rural. O MEB foi o único movimento educacional da Igreja Católica que atuou na educação durante o regime militar, pós 1964, e permanece até os dias atuais, em alguns estados da federação, desenvolvendo a educação popular em parceria com os governos estaduais¹.

Em 1963, o governo de João Goulart reafirma a aliança com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) por meio de um novo Decreto, 52.267, de 17 de julho de 1963, o qual determinava a execução da educação de base por intermédio das escolas radiofônicas nas áreas subdesenvolvidas do país. Contudo, as atividades pedagógicas do MEB se concentraram nos seguintes estados: Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Bahia, Sergipe, Amazonas, Pará, Rondônia, Goiás, Mato Grosso e norte de Minas Gerais.

As condições de produção do Estado brasileiro, nas décadas de 1950 e 1960, constitui-se por um processo de transformações conjunturais no aspecto econômico devido ao processo de urbanização e industrialização que avançaram nos grandes centros urbanos, resultando em efeitos de modernização e "progresso" da sociedade brasileira. Dessa forma, buscava-se, por meio da educação, qualificar os trabalhadores para as demandas do mercado. Além disso, haviam os conflitos político-ideológicos entre os grupos conservadores das antigas oligarquias rurais e

¹Na atualidade, o MEB continua vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, sediada no Distrito Federal. Os seus projetos educacionais são baseados na educação popular, atuando nos estados do Amazonas, Roraima, Ceará, Piauí, Maranhão, Distrito Federal e Norte e Nordeste de Minas Gerais, em regime de parceria com os governos estaduais.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 ON-LINE

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

os progressistas/populistas, representados por uma classe urbana e industrial que disputavam o poder político do Estado.

No campo educacional brasileiro, o Mapa do Analfabetismo do Brasil publicado em 2003, apresentou os índices de analfabetismo do século XX, ou seja, em meados da década de 1960, o país tinha 39,6% de analfabetos acima de 15 anos, isto é, eram aproximadamente quinze milhões e novecentos sessenta quatro mil e oitocentos cinquenta duas pessoas (15.964.852) que não podiam eleger os seus representantes, já que nesse período, os analfabetos não podiam votar.

Para o aprofundamento nos estudos na Análise do Discurso da vertente pecheutiana foram consultados os seguintes teóricos: Cavalcante (2007), Florêncio (2007), Orlandi (2015), Pêcheux (2014), entre outros autores, além de consultas às dissertações e teses realizadas no Grupo de Pesquisa Políticas Públicas: história e discurso (GEPPHED).

O objetivo desta pesquisa é analisar o discurso de resistência materializado nas cartilhas **Viver é Lutar**. Assim, o *corpus* foi constituído a partir de materialidades discursivas extraídas das referidas cartilhas. Apoiamo-nos na definição de *corpus* definida por Courtine (2009, p. 114) como: "conjunto de sequências discursivas, estruturado segundo um plano definido com referência a um certo estado das condições de produção do discurso". Segundo Orlandi (1998, p. 15), "a constituição do *corpus* já é análise, pois é pelos procedimentos analíticos que podemos dizer o que faz parte e o que não faz parte do *corpus*".

Diante do exposto, trazemos o seguinte questionamento que norteará a pesquisa: como se materializa o discurso de resistência na cartilha **Viver é Lutar** do Movimento de Educação de Base? Para responder a essas indagações, elegemos os seguintes objetivos: 1) analisar as condições de produção amplas e estritas do Movimento de Educação de Base no âmbito nacional e em Alagoas; 2) analisar o discurso de resistência da cartilha **Viver é Lutar**.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

2 A HISTORICIDADE DAS CARTILHAS

O MEB surge no cenário de efervescência cultural e social no início da década de 1960. Em sua origem em 1961, dedicou-se à alfabetização de adultos direcionada para a aprendizagem de ler e escrever, educação sanitária e evangelização das massas.

No entanto, a conjuntura nacional movida pelos diversos movimentos de educação popular, influenciados pelas teorias freirianas, mobilizaram as equipes do MEB a realizarem a reunião dos coordenadores em 1962, resultando em mudanças estratégicas pedagógicas e na incorporação de conceitos como conscientização, termo empregado e utilizado pelos movimentos de educação popular na década de 1960, que tinha como sentido libertar o homem (FÁVERO, 2006).

As cartilhas são manuais ou livros que são adotados pelas escolas com métodos que devem ser seguidos e os conteúdos são estabelecidos pelo currículo. Segundo Vieira (2017, p. 26),

[...] como material impresso, o livro pode ser visto como um elemento pertinente da comunicação verbal e o discurso escrito nesse objeto é parte integrante de uma discussão dialógica. É, portanto, um mecanismo de mediação de conhecimentos cientificamente reconhecidos ao ensino na formação escolar básica, de um discurso autorizado e, até certo ponto, legitimado por aqueles que detêm o poder em uma determinada época. Pode ser entendido como um instrumento privilegiado, como um objeto multifacetado, ou seja, um produto cultural, suporte de conhecimentos e métodos de ensino das várias disciplinas escolares e, ainda, um veículo de ideologias e culturas.

Como podemos observar, as cartilhas são produtos culturais com a finalidade de divulgar os conhecimentos e os métodos de ensino de diversas disciplinas escolares. Nesse sentido, os conteúdos são autorizados e legitimados pelo conhecimento científico. Além disso, esses manuais servem como atividade política, sendo publicados para atender aos interesses de uma determinada classe. Assim, as cartilhas do MEB que serão analisadas, representaram um instrumento de luta e conscientização da classe trabalhadora da sua realidade social, buscando despertar

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 ON-LINE

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

nos sujeitos a sua condição histórica social e resistência à exploração do Estado e da classe dominante (VIEIRA, 2017).

O termo cartilha surge da palavra "cartinha", diminutivo de "carta", que durante o processo histórico vem sendo empregado como material didático utilizado em sala de aula, para o processo de aprendizagem de leitura e escrita. As primeiras cartilhas surgiram no Renascimento, nos séculos XV e XVI, período do surgimento da imprensa. No Brasil, as cartilhas aparecem no período colonial com os Jesuítas que foram responsáveis pela educação dos colonos e pela catequização dos índios e negros. A primeira cartilha de alfabetização que foi utilizada nesse período foi a cartilha *João de Barros*, publicada em 1540, e seu modelo era em forma de cartinhas (VIEIRA, 2017).

As cartilhas que foram utilizadas na década de 1960 eram consideradas inadequadas devido aos conteúdos esvaziados e infantilizados. O folheto utilizado era intitulado *Ler e Saber* e construído no formato de guia de leitura. Além desse material, eram utilizados o caderno de aritmética, semelhante a uma tabuada e a Rádio cartilha, utilizada pelo sistema rádioeducativo nacional (FÁVERO, 2006).

As primeiras cartilhas de alfabetização direcionadas à educação de adultos foram produzidas na década de 1920, quando é publicada a *Cartilha do Povo* (1928), escrita por Lourenço Filho, e, em seguida, a 2ª edição da *Cartilha do Operário* (1924), esta formulado por Theodoro de Moraes.

Na década de 1960 e 1970, o MEB focou na produção de diversas cartilhas de alfabetização para a educação de adultos. Embora ocorresse a proibição da cartilha **Viver Lutar** durante o regime militar, as cartilhas posteriores continuaram auxiliando no processo de alfabetização das massas. Entre os anos de 1965 a 1975, podemos destacar os seguintes materiais, conforme Barbosa (2006, p. 15):

Ajuda (1965), *Mutirão* (1965) [cartilha de pós-alfabetização e matemática] (1970), *Cartilha experimental do sistema Caicó* (pós-alfabetização, 1970), *Ciclo complementar 3º ano* (pós-alfabetização, 1971), *Livro de Todos* (1972), *Livro de todos - Segunda Etapa do 2º ciclo* (1972), *O Camponês* (pós-alfabetização, 1975).

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

O educador Paulo Freire já apresentava crítica ao modelo das cartilhas de alfabetização para adultos, considerando os conteúdos infantilizados, não possibilitando um diálogo entre educador e educando. Freire (2001, p. 264) compreendia que o ensino não é como "transferência mecânica de que resulte a memorização maquinal". Logo, assumimos com Freire que o ensino deve despertar o espírito crítico do sujeito para que seja capaz de realizar a leitura da palavra, a leitura do mundo e a leitura do contexto.

A tomada de posição do MEB pela elaboração da cartilha **Viver é Lutar** possibilitou a criação de um material didático próprio para a aplicação da alfabetização dos adultos, já que o livro de leitura trazia em seu conteúdo imagens e textos sobre a realidade social da classe oprimida. Desse modo, compreendemos que a função social das cartilhas não seria apenas alfabetizar, mas introduzir uma formação política e conscientizadora da classe dos trabalhadores, resultando no engajamento que viesse a transformar a sua realidade (FÁVÉRO, 2006).

O discurso nas cartilhas do MEB, especificamente a **Viver é Lutar**, tinha o foco de direcionar os trabalhadores a uma conscientização política de sua situação, a partir de lições retiradas das condições de vida e do trabalho realizado pelos camponeses, além de estimular o engajamento desses camponeses "em organizações profissionais, organizações de classes o grupo que visava o desenvolvimento das comunidades" (MEB, s/d, p. 3).

3 O DISCURSO DE RESISTÊNCIA NA CARTILHA VIVER É LUTAR

O corpo da cartilha era apresentado da seguinte forma: dividido em trinta lições que tratavam sobre a situação dos camponeses, especialmente, da região nordeste. Além disso, apresentavam exercícios gramaticais e de leituras. Fávero (2006, p. 179) afirma que a cartilha **Viver é Lutar** representou os "fundamentos de sua ação educativa", ou seja, o material resume a ideologia do Movimento.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

Além disso, o texto expõe fotografias que são ilustrações dos sujeitos do campo representados por homens, mulheres e crianças no ambiente de trabalho; revelam diálogos entre os personagens; e reuniões de sindicatos e cooperativas. O texto narra ações de três protagonistas centrais, os personagens Pedro, Agripino e o Xavier. A representação desses sujeitos busca aproximação de identificação com o aluno leitor (FÁVERO, 2006).

Os pressupostos fundamentais apresentados no livro de leitura **Viver é Lutar** são a existência da pessoa humana, a sua relação com mundo e as relações sociais entre os sujeitos e o mundo, por meio do trabalho. O relatório do MEB (s/d. p. 55) afirma que,

[...] é necessário dizer que, paralelamente ao desenvolvimento da leitura e da escrita, há um desenvolvimento mais profundo, que se traduz por uma liberação crescente do pensamento camponês e por uma criação e expressão espontânea sempre maiores. Tanto o desenvolvimento da leitura e da escrita como o desenvolvimento do pensamento criador possuem técnica e atividades, ora criada pelo próprio Movimento, ora adaptada de outras experiências de educação de adulto no mundo.

Como podemos observar, o foco do MEB era a alfabetização dos educandos adultos, visando a um processo de conscientização e autonomia para o desenvolvimento individual e coletivo do camponês.

Ferreira (1994, p. 7) sinaliza a AD como "um lugar privilegiado para se falar de resistência", já que a consideramos como uma arma política de resistência ao mundo e ao sujeito. Nesse processo, segundo Pêcheux (2014, p. 238), os sujeitos produzem discursos de resistência a partir de sua "identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina".

Nessa perspectiva, os sujeitos como seres históricos e produtores da língua, não totalmente livres na condição do dizer, são interpelados por uma ideologia que se materializa no discurso. Ou seja, como diz Fopa (2012, p. 9), "Ele estabelece uma relação ativa no interior de uma dada formação discursiva, assim como é determinado, ele também afeta e modifica em sua prática discursiva".

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

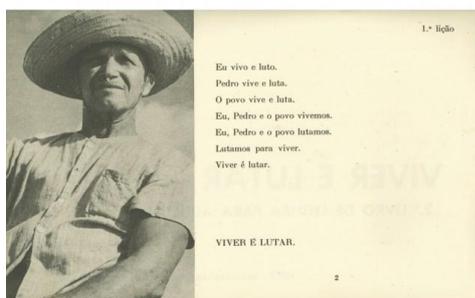
Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

O discurso de resistência se revela nesses espaços de incompletude da língua; é o lugar de conflito das formas de dominação, assim como um lugar de contestação da realidade que é imposta pela ideologia dominante. É nesse lugar de conflito que o sujeito MEB apresenta o livro de leitura **Viver é Lutar** como o instrumento de luta, conscientização e educação crítica dos educandos adultos.

Figura 1 - Lição 1º da Cartilha **Viver é Lutar**



Fonte: MEB, 1963.

SD 1 - Eu vivo e luto. Pedro vive e luta. O povo vive e luta. Eu, Pedro e o povo vivemos. Eu, Pedro e o povo lutamos. Lutamos para viver. Viver é lutar. **VIVER É LUTAR**

O enunciado inicia com o pronome em primeira pessoa - "Eu - vivo e luto", marcando a posição do sujeito que vive e luta. O verbo viver designa a condição de existência do ser humano; o verbo lutar, por sua vez, representa o não imobilismo desse ser; a não acomodação à realidade posta, pois, sendo um ser histórico e social, o homem transforma a natureza para atender às suas necessidades.

Na perspectiva Lukacsiana, a primeira condição para o sujeito viver é poder alimentar-se, vestir-se, etc. Para tanto, é preciso intervir na natureza para modificá-la e modificar suas condições de vida. Na sequência apresentada, está explícito que para assegurar a sobrevivência é necessário lutar; lutar pela sua existência em meio às contradições e à exploração pelo trabalho. Essa é a tônica desse enunciado que apresenta outros sujeitos que vivem e lutam - Eu, Pedro e, por fim o povo -, a coletividade em que os sujeitos se incluem: a classe trabalhadora do campo que vive

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

sob as condições de vulnerabilidade social. Esse sentido de inclusão é produzido pelos verbos no plural – vivemos e lutamos. Ou seja, não pode ser uma luta individual, mas coletiva.

As condições de produção desse discurso são engendradas numa conjuntura que revela o processo de exploração do homem do campo pelo capital. Desapropriado da terra e dos instrumentos de trabalho, o homem do campo passou por um processo de migração da zona rural para os centros urbanos. As cidades cresciam assustadoramente com a chegada de uma massa trabalhadora que buscava por trabalho e lutava pela sobrevivência pessoal e de sua família.

No período considerado "democrático" (1945-1964), diversos movimentos sociais foram representados pelo homem do campo que denunciava a exploração do trabalho, a falta de condições de trabalho e a exploração das oligarquias. As Ligas Camponesas representam, à época, a luta do homem do campo do Nordeste que buscavam os direitos sociais e condições de trabalho para o homem do campo. Esse povo lutava por direitos trabalhistas e por garantias de salários dignos. As armas políticas desse povo que vivia e lutava eram as greves e agitações sociais.

O enunciado apresenta o verbo *Lutar* na primeira pessoa do plural, "lutamos para viver". O discurso político é marcado pela condição de luta. Assim surgem as seguintes indagações: para que lutamos? Para quem lutamos? A luta é uma estratégia política de resistência ao processo de exploração do Capital. A condição para viver é lutar, contudo, não é lutando sozinho, essa luta é coletiva – "nós" vivemos e lutamos -. Nessa perspectiva, o lugar de enunciação do sujeito é o lugar da classe trabalhadora na qual ele se inclui.

Na sequência do texto, é apresentada a expressão viver é lutar, e repete a mesma frase em letras maiúsculas VIVER É LUTAR. Consideramos que a intenção da repetição do enunciado é uma forma de interiorizar nos leitores a conscientização da sua condição de trabalhador e a necessidade de lutar.

Segundo Pêcheux (2012, p. 55), "todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-histórica de identificação, na medida em que ele

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 ON-LINE

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho". Nesse sentido, o sujeito do discurso se identifica a partir das filiações sócio históricas, nas quais está inscrito, já que o processo de identificação do educando adulto, sujeito da zona rural, está condicionado pelas relações sócio-históricas, marcadas pela exploração do trabalho.

O discurso de resistência nessa sequência discursiva se revela na condição de existência do homem do campo, como o ser que luta pela vida, contra a exploração do trabalho e pelas formas de dominação do modo de produção capitalista.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao assumirmos a teoria pecheutiana de AD, compreendemos que o *corpus* está sempre em movimento, nunca será fechado em si mesmo, já que o discurso está inserido num lugar ideológico e é produzido por sujeitos interpelados pela história e ideologia. Nesse sentido, o gesto de leitura do analista é uma forma particular de investigação, já que outros analistas do discurso poderão desenvolver novos gestos de interpretação por diversos olhares sobre a mesma prática discursiva. Assim, ao apresentar as conclusões temporárias desta pesquisa, temos o propósito de abrir indícios para novos objetos de investigação.

Ao mergulhar nas análises dos dizeres produzidos na cartilha **Viver é Lutar**, inicialmente, pode-se ver que a cartilha apresenta um discurso de resistência marcado pela denúncia e pela contestação da situação da classe trabalhadora do Brasil. A leitura da cartilha permitiu para os educandos adultos uma formação crítica da realidade e o processo de conscientização de si mesmo e da realidade social.

Ao assumir a função social de alfabetizar os adultos, especialmente os sujeitos do campo, o MEB utilizou uma metodologia distinta da proposta de alfabetização dos adultos, utilizando o rádio e o ambiente do campo para desenvolver suas ações educativas. Nesse sentido, ao produzir a cartilha **Viver é**

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

Lutar possibilitou refletir as condições sociais da classe trabalhadora do Brasil marcado por uma historicidade de luta e resistência contra as formas de opressão do coronelismo, do mandonismo e do autoritarismo.

No processo de análise da cartilha **Viver é Lutar**, entendemos o posicionamento político do MEB, propondo formas de resistência na relação de poder com a classe dominante, especialmente os proprietários de terras, que desde a época colonial estabeleceram o latifúndio no país, gerando riquezas para poucos e extrema pobreza para os sujeitos do campo.

Assim, os enunciados analisados revelaram o processo de conscientização da realidade por meio da ação educativa, pois concordamos com Freire (1987) que alfabetizar e conscientizar andam juntas para o desenvolvimento de uma educação conscientizadora. Além disso, observamos que a cartilha **Viver é Lutar** propôs ao estudante-leitor a possibilidade de resistir às formas de exploração do Capital. Embora uma ala da Igreja Católica negasse esse posicionamento político, os textos das cartilhas apresentam um discurso ideológico direcionado para a conscientização dos educandos leitores.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Andressa Cristina Coutinho. **Cartilha do Operário: alfabetização de adolescente e adultos em São Paulo (1920-1930)**. 2006. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-21062007-142232/publico/DissertacaoAndressaCristinaBarboza.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

CAVALCANTE, [et al]. **Análise do Discurso: fundamentos & prática**. Maceió: Edufal, 2009.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político - o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos (SP): EdufScar, 2009.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

FÁVERO, Osmar. **Uma pedagogia da participação popular. Análise da prática educativa do MEB - Movimento de Educação de Base (1961-1966).** Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. A Resistência da Língua nos Limites da Sintaxe e do Discurso. 1994. **Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem)** – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

FOPA, Caroline Toni. A voz da "Resistência" Cubana no Ciberespaço. 2012. **Dissertação (Mestrado em Letras)**– Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Mapa do Analfabetismo**, Brasília: MEC, 2003.

http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/485756. Acesso em: 18 jun. 2020.

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE. **Documentos Legais**. Rio de Janeiro, 1961. Apostila 1, série A. 35p. Disponível em:
http://www4.pucsp.br/cedic/meb/o-meb/arquivos-pdf/1_apostila-documentos-legais.pdf. Acesso em: 10 de nov. 2019.

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE. **Viver é lutar**: cartilha. 2.º livro de leitura para adultos. Rio de Janeiro: Fundo MEB, 1963. Disponível em:
<<http://www4.pucsp.br/cedic/meb/nas-salas-de-aula/arquivos-pdf/2-2-cartilha-viver-lutar.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discursos. Princípios & Procedimentos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni P. Olandi. Campinas, SP. Pontes Editora, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio**. 5 ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2014.

VIEIRA, Zeneide Paiva Pereira. **Cartilhas de alfabetização no Brasil: um estudo sobre trajetória e memória de ensino e aprendizagem da língua escrita**. 2017. Tese (Doutorado em Memória, Linguagem e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista/BA.